

Inclusão e Educação

Danielle H. A. Machado
Janaína Cazini
(Organizadoras)



Atena
Editora

Ano 2019

Danielle H. A. Machado
Janaína Cazini
(Organizadoras)

Inclusão e Educação

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

I37 Inclusão e educação [recurso eletrônico] / Organizadoras Danielle H. A. Machado, Janaína Cazini. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Inclusão e Educação; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-029-2

DOI 10.22533/at.ed.292191501

1. Educação e Estado – Brasil. 2. Educação – Aspectos sociais.
3. Educação inclusiva. 4. Tecnologia – Educação. I. Machado,
Danielle H. A. II. Cazini, Janaína. III. Série.

CDD 379.81

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “Educação e Inclusão: Desafios e oportunidades em todos as séries educacionais” aborda uma série de livros de publicação da Atena Editora, em seus 25 capítulos do volume I, apresenta os novos conhecimentos científicos e tecnológicos para a área da saúde especial das modalidades da saúde intelectual e mental, num viés da genética e a visão da psicopedagogia sobre a educação especial, a transição das Políticas Públicas para a educação especial e as transformações sob análises a partir da realidade local.

A Educação por Inclusão engloba, atualmente, alguns dos campos mais promissores em termos de pesquisas tecnológicas nas áreas do Ensino, Novas Tecnologias Específicas, Psicopedagogia, Psicanálise, Educação, Políticas Públicas Brasileiras das Institucionais e Regionais que visam o aumento benéfico e produtivo na qualidade do ensino e desenvolvimento do aluno especial. Além disso, a crescente demanda por conceitos e saberes que possibilitam um estudo de melhoria no processo de participação e aprendizagem à educação inclusiva aliada a necessidade de recursos específicos.

A junção de pesquisas e a modernização da tecnologia compõem um contexto de educação inclusiva nas diversas modalidades da inclusão.

Colaborando com essa transformação educacional, este volume I é dedicado ao público de cidadãos Brasileiros que possuem deficiência e dificuldade psicológica de aprendizagem na perspectiva das Institucionais Regionais do Brasil, mais precisamente, as participações das Políticas Públicas Brasileiras Educacionais. Trazendo artigos que abordam experiências do ensino e aprendizagem no âmbito escolar, desde as séries iniciais até prática de ensino em psicologia com idosos. Assim, aos componentes da esfera educacional que obtiveram sucessos apesar dos desafios encontrados; a mediação pedagógica como força motriz de transformação educacional e a utilização de tecnologias assistivas para auxiliar o aprendizado do discente especial.

Ademais, esperamos que este livro possa fortalecer o movimento de inclusão social, colaborando e instigando professores, pedagogos e pesquisadores às práticas educacionais, às contribuições da genética e da psicanálise a quem ensina, aos alunos especiais na transição da escola regular sob um olhar da psicopedagogia e aos educadores que corroboram com a formação integral do cidadão.

Danielle H. A. Machado
Janaína Cazini

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
EDUCAÇÃO ESPECIAL NO PLANO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO: DESAFIOS E PERSPECTIVAS DA META 4	
<i>Maria do Carmo de Sousa Severo</i>	
<i>Érica Nazaré Arrais Pinto Pereira</i>	
<i>Joiran Medeiros da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.2921915011	
CAPÍTULO 2	10
EDUCAÇÃO INCLUSIVA DE ADULTOS: CONTRIBUIÇÕES DA NEUROCIÊNCIA E DA ANDRAGOGIA	
<i>Mônica Campos Santos Mendes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.2921915012	
CAPÍTULO 3	16
EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRA: EXPANSÃO E CONTRADIÇÕES (2003 – 2014)	
<i>Cleiton Leite Barbosa</i>	
<i>Afrânio Vieira Ferreira</i>	
<i>Sandy Andreza de Araujo Lavor</i>	
<i>Jeanne D'arc de Oliveira Passos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.2921915013	
CAPÍTULO 4	26
“PRECISAMOS SER COMO CAMALEÕES?”: EXPERIÊNCIA DE UMA PRÁTICA DE ENSINO EM PSICOLOGIA COM IDOSOS	
<i>Edivan Gonçalves da Silva Júnior</i>	
<i>Maria do Carmo Eulálio</i>	
<i>Almira Lins de Medeiros</i>	
<i>Elizabeth de Lourdes Bronzeado Krkoska</i>	
DOI 10.22533/at.ed.2921915014	
CAPÍTULO 5	42
A APRENDIZAGEM EM QUESTÃO: CONTRIBUIÇÕES DA EPISTEMOLOGIA GENÉTICA E DA PSICANÁLISE A QUEM ENSINA	
<i>Juliana dos Santos Rocha</i>	
<i>Virgínia Dornelles Baum</i>	
<i>Marlene Rozek</i>	
DOI 10.22533/at.ed.2921915015	
CAPÍTULO 6	57
A PERSPECTIVA INCLUSIVA PARA O FORTALECIMENTO DA RESSOCIALIZAÇÃO DE ASSISTIDOS DA CENTRAL DE ALTERNATIVAS PENAIAS DO CEARÁ – RELATO DE EXPERIÊNCIA	
<i>Dafna Maria da Silva Ricardo</i>	
<i>Débora Rocha Carvalho</i>	
<i>Aline Maria Barbosa Domício Sousa</i>	
DOI 10.22533/at.ed.2921915016	

CAPÍTULO 7 66

APRENDIZAGEM E ESCOLARIZAÇÃO EM FOCO: UMA VISÃO PSICOPEDAGÓGICA

Virginia Dornelles Baum
Juliana dos Santos Rocha
Marlene Rozek

DOI 10.22533/at.ed.2921915017

CAPÍTULO 8 81

AS POLÍTICAS PÚBLICAS BRASILEIRAS, VOLTADAS PARA AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA E A TRANSIÇÃO ESCOLA-TRABALHO

Ana Cristina de Carvalho
Edicléa Mascarenhas Fernandes

DOI 10.22533/at.ed.2921915018

CAPÍTULO 9 86

A INCLUSÃO NO ENSINO SUPERIOR: IMPLANTAÇÃO DE POLÍTICAS DE ACESSIBILIDADE NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Iris Mara Guardatti Souza
Regina Cohen
Patrícia Lameirão Campos Carreira
Angélica Fonseca da Silva Dias
Rita de Cássia Oliveira Gomes
Izabel Maria Madeira de Loureiro Maior
Mônica Pereira dos Santos
Jean-Christophe Houzel

DOI 10.22533/at.ed.2921915019

CAPÍTULO 10 97

DESAFIOS FORMATIVOS VIVENCIADOS E SUPERADOS PELOS PROFESSORES DO MUNICÍPIO DE AGRESTINA - PE PARA PROMOÇÃO DA INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS

Cicera Mirelle Florêncio da Silva
Maria Aline de Macedo Silva Mendes

DOI 10.22533/at.ed.29219150110

CAPÍTULO 11 107

ESTUDO SOBRE AS CONDIÇÕES DE INCLUSÃO EM UMA ESCOLA ESTADUAL NA CIDADE DE CALDAS NOVAS NOS ÚLTIMOS 13 ANOS

Jullyana Pimenta Borges Gonçalves
Rosângela Lopes Borges
Marcos Fernandes Sobrinho
Cinthia Maria Felício

DOI 10.22533/at.ed.29219150111

CAPÍTULO 12 120

LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS NA CIDADE DE CRATO-CE: O USO EM CONTEXTO RELIGIOSO

Luiza Valdevino Lima
Francisco Edmar Cialdine Arruda
Martha Milene Fontenelle Carvalho
Ana Patricia Silveira
Daniela Valdevino Lima

DOI 10.22533/at.ed.29219150112

CAPÍTULO 13..... 131

O PAPEL DA OLIMPÍADA BRASILEIRA DE MATEMÁTICA DAS ESCOLAS PÚBLICAS (OBMEP) COMO INSTRUMENTO DE INCLUSÃO SOCIAL

Joselito Elias de Araújo
José Vinícius do Nascimento Silva
Pedro Eduardo Duarte Pereira
Flávia Aparecida Bezerra da Silva

DOI 10.22533/at.ed.29219150113

CAPÍTULO 14..... 141

POLÍTICAS EDUCACIONAIS E MUDANÇAS NO CONTEXTO ESCOLAR: A QUESTÃO DA INCLUSÃO DE ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA EM UMA ESCOLA PERNAMBUCANA

Lúcia de Fátima Farias da Silva

DOI 10.22533/at.ed.29219150114

CAPÍTULO 15..... 150

UM OLHAR SOBRE A INCLUSÃO NAS PESQUISAS ACADÊMICAS EM UNIVERSIDADES PÚBLICAS DA BAHIA

Julimar Santiago Rocha
Maria da Conceição Alves Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.29219150115

CAPÍTULO 16..... 163

FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO E A EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO ENSINO SUPERIOR - RELATO DE EXPERIÊNCIA

Débora Rocha Carvalho
Deldy Moura Pimentel
Terezinha Teixeira Joca
Marilene Calderaro Munguba

DOI 10.22533/at.ed.29219150116

CAPÍTULO 17 172

NAS TESSITURAS DA LEI 10.639/03: DIÁLOGOS ENTRE O ENSINO DE HISTÓRIA E A DIVERSIDADE ETNICORRACIAL

Aparecida Barbosa da Silva

DOI 10.22533/at.ed.29219150117

CAPÍTULO 18..... 181

O DIREITO A EDUCAÇÃO: UMA REFLEXÃO NECESSÁRIA A PARTIR DO CONTEXTO DOS JOVENS PRIVADOS DE LIBERDADE

Daniel de Souza Andrade
Andréia Alves de Oliveira
Edneide Nóbrega do Rêgo
Elânia Daniele Silva Araújo
Janaina Dantas dos Santos
Lidyane Gomes Mendonça da Silva
Maria José Elaine Costa Silva Pereira
Marlene Eneas da Silva Falcão
Sônia Maria de Lira
Verônica Remígio da Silva e Lima

DOI 10.22533/at.ed.29219150118

CAPÍTULO 19	191
O USO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA ROTINA DO PROGRAMA FACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA	
<i>Maikson Damasceno Machado</i>	
<i>Kátia Cristina Novaes Leite</i>	
<i>Eliata Silva</i>	
<i>Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios</i>	
DOI 10.22533/at.ed.29219150119	
CAPÍTULO 20	202
UMA REFLEXÃO SOBRE A POLITICA EDUCACIONAL INCLUSIVA NO BRASIL	
<i>Marília Piazzini Seno</i>	
<i>Simone Aparecida Capellini</i>	
DOI 10.22533/at.ed.29219150120	
CAPÍTULO 21	213
AFETIVIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR INCLUSIVO	
<i>Scheilla Conceição Rocha</i>	
<i>Cândida Luisa Pinto Cruz</i>	
<i>Rita de Cácia Santos Souza</i>	
DOI 10.22533/at.ed.29219150121	
CAPÍTULO 22	224
UMA HISTÓRIA DE (RE)SIGNIFICAÇÃO DE UM ADOLESCENTE EM SITUAÇÃO DE RUA	
<i>Meiryllianne Suzy Cruz de Azevedo</i>	
<i>Edivânia Paula Gomes de Freitas</i>	
<i>Leandra da Silva Santos</i>	
<i>Kelli Faustino do Nascimento</i>	
DOI 10.22533/at.ed.29219150122	
CAPÍTULO 23	234
CIDADANIA E DIREITOS NO AMBIENTE ESCOLAR: FORMANDO CIDADÃOS, TRANSFORMANDO REALIDADES ATRAVÉS DO ESTUDO DA DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS	
<i>João Maria Cardoso e Andrade</i>	
<i>Joana Paula Costa Cardoso e Andrade</i>	
DOI 10.22533/at.ed.29219150123	
CAPÍTULO 24	244
EDUCAÇÃO INCLUSIVA: PRÁTICAS NO COTIDIANO DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS FEDERAIS	
<i>Clemilda dos Santos Sousa</i>	
<i>Fernanda Nunes de Araújo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.29219150124	
CAPÍTULO 25	255
TRILHANDO OS CAMINHOS DA INCLUSÃO: A CRECHE COMO PRIMEIRO ESPAÇO	
<i>Sára Maria Pinheiro Peixoto</i>	
<i>Edileide Ribeiro Pimentel</i>	
DOI 10.22533/at.ed.29219150125	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	269

CAPÍTULO 4

“PRECISAMOS SER COMO CAMALEÕES?”: EXPERIÊNCIA DE UMA PRÁTICA DE ENSINO EM PSICOLOGIA COM IDOSOS

Edivan Gonçalves da Silva Júnior

Universidade Estadual da Paraíba, Departamento de Psicologia

Campina Grande - Paraíba

Maria do Carmo Eulálio

Universidade Estadual da Paraíba, Departamento de Psicologia

Campina Grande - Paraíba

Almira Lins de Medeiros

Universidade Estadual da Paraíba, Departamento de Educação

Campina Grande - Paraíba

Elizabeth de Lourdes Bronzeado Krkoska

Universidade Estadual da Paraíba, Departamento de Educação

Campina Grande - Paraíba

RESUMO: O trabalho apresenta uma experiência da prática docente em Psicologia, realizada com idosos participantes do Grupo de Convivência da Universidade Aberta à Maturidade (UAMA), em Campina Grande, Paraíba. Inicialmente foram consideradas as nuances e as necessidades pessoais e sociais dos idosos, com vistas a uma prática implicada na promoção da qualidade de vida, através do compartilhamento de saberes transversais. Ocorreram quatro encontros temáticos com a participação de 46 idosos que frequentam o Centro de Convivência. A prática adotou a

metodologia de seminários integralizadores, perspectiva pautada no ensino socializado, e estruturada no diálogo crítico, na multiplicidade de saberes e de ações e na cooperação entre os diferentes atores envolvidos no ato de educar. Em diálogo com os participantes, foram definidos os seguintes temas: Vida e subjetividade; Velhice e subjetividade; A importância da vida afetiva; Família e afetividade na contemporaneidade. Os idosos trouxeram exemplos variados do seu cotidiano na tentativa de apreender a dinamicidade que envolve a subjetividade enquanto processo da vida humana. O tema da velhice foi perpassado por inquietações referentes aos imperativos da contemporaneidade que trazem frequentemente a ideia do descartável, da fugacidade do tempo, da brevidade das coisas e da superavaliação do consumo. Os idosos mostraram-se satisfeitos com a oportunidade de tratarem de questões do seu contexto de vida, assimilando-as às problemáticas vividas na contemporaneidade. Deve-se privilegiar o uso de metodologias participativas na prática educativa com idosos, uma alternativa de incluir de forma salutar os atores que trazem consigo importantes conhecimentos e experiências acumulados ao longo da vida.

PALAVRAS-CHAVE: Velhice. Envelhecimento. Educação. Psicologia. Metodologias Participativas.

ABSTRACT: This work presents an experience of teaching practice in Psychology, carried out with elderly participants of the Group of Coexistence of the Open University to Maturity (OUMA), in Campina Grande, Paraíba. Initially it were considered the personal and social needs of the elderly, with a view to a practice implied in the promotion of the quality of life, through the sharing of transversal knowledge. There were four thematic meetings with the participation of 46 elderly people who attend the Center of Coexistence. The practice adopted the methodology of integrating seminars, a perspective based on socialized teaching, and structured in critical dialogue, multiplicity of knowledge and actions and cooperation between the different actors involved in the act of educating. In dialogue with the participants, the following themes were defined: Life and subjectivity; Old age and subjectivity; The importance of the affective life; Family and affection in the contemporary world. The elderly brought varied examples of their daily life in an attempt to grasp the dynamics that involve subjectivity as a process of human life. The theme of old age was permeated by anxieties about the imperatives of contemporaneity that often bring the idea of the disposable, the fleetingness of time, the brevity of things and the overestimation of consumption. The elderly were satisfied with the opportunity to address issues of their life context, assimilating them to the problems experienced in the contemporary world. The use of participative methodologies in the educational practice with the elderly should be favored, an alternative to include the actorsthat bring with them importante knowledge and accumulated experiences during the life in a salutary way.

KEYWORDS: Old age. Aging. Education. Psychology. Participatory Methodologies.

1 | INTRODUÇÃO

“Sessenta e oito anos! Nunca imaginei que isso iria me acontecer. Mas aconteceu. Fiquei velho. Não é ruim. A velhice tem uma beleza que lhe é própria. A beleza das velhas árvores é diferente da beleza das árvores jovens. O triste é quando as velhas árvores, cegas para a sua própria beleza, começam a imitar a beleza das árvores jovens. Aí acontece o grotesco...” (ALVES, 2001, p. 77).

O crescimento cada vez mais significativo da população idosa assinala a necessidade de atendimento às diversas demandas apresentadas por esse público, entre as quais merece destaque a educação. No contexto do envelhecimento, a educação pode ser referida como um processo contínuo vivido pelo ser humano ao longo de toda a vida, um processo que ultrapassa os limites da escola e se estende para a comunidade e para a sociedade como um todo. Também é possível pensar a educação na sua interação com as experiências de vida que refletem o amadurecimento do sujeito em resposta ao leque de influências biológicas, psicológicas, sociais e culturais que ampliam as possibilidades de autoeducação do ser humano ao alcançarem a velhice (CACHIONI, 2003).

A educação configura um direito previsto no Estatuto do Idoso que prega a

necessidade de elaboração de projetos educacionais voltados para os idosos: “O idoso tem direito a educação, cultura, esporte, lazer, diversões, espetáculos, produtos e serviços que respeitem sua peculiar condição de idade” (BRASIL, 2014; Art. 20, p. 7).

Apesar de constituir um direito garantido, grande parte da população idosa do Brasil sofre com baixos índices de escolaridade. De acordo com o levantamento realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), a maioria dos idosos brasileiros concentra-se predominantemente entre as séries iniciais de estudo e, significativamente, entre o número de não escolarizados. Os dados revelam elevada frequência de baixos níveis de instrução dos idosos brasileiros, evidenciando que um percentual de 30,7% de idosos possui menos de um ano de instrução.

A respeito do direito à educação, discute-se ainda no Estatuto do Idoso a necessidade da construção de metodologias capazes de adequar currículos, metodologias e conteúdos ao contexto e especificidades do público idoso: “O Poder Público criará oportunidades de acesso ao idoso à educação, adequando currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais a ele destinados” (BRASIL, 2014; Art. 21, p. 7).

O presente trabalho é fruto da experiência de estágio docente em Psicologia, exercício necessário para o cumprimento da grade curricular de licenciatura em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. Para o desenvolvimento da prática aqui descrita foram respeitadas as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia, estabelecidas pela Resolução Nº 5, de 15 de março de 2011 (BRASIL, 2011) que rege a formação de professores em Psicologia.

A referida Resolução prevê o ensino da Psicologia atrelado ao desenvolvimento de competências para a construção e o crescimento científico da área, através da convergência entre conhecimentos e práticas produzidos na atuação profissional, na pesquisa e no ensino em Psicologia. No tocante à diversidade de campos com os quais o ensino em Psicologia pode dialogar, utilizou-se como ponto de partida a seguinte proposição: “atuação em diferentes contextos, considerando as necessidades sociais e os direitos humanos, tendo em vista a promoção da qualidade de vida dos indivíduos, grupos, organizações e comunidades” (BRASIL, 2011, p.1).

A realização do estágio se deu junto aos idosos que participam do Grupo de Convivência da Universidade Aberta à Maturidade (UAMA), da UEPB. A UAMA tem a finalidade de atender à demanda educativa de idosos, com o objetivo de contribuir com a melhoria de capacidades pessoais, funcionais e sociais, através da proposição de atividades sociais, culturais e educacionais voltados à promoção da qualidade de vida. O Grupo de Convivência é composto por idosos egressos das turmas de aula da UAMA e que mantém participação nos cursos e atividades integrativas oferecidas pela universidade (COORDENADORIA INSTITUCIONAL ESPECIAL PARA A FORMAÇÃO ABERTA À MATURIDADE, [CIEFAM] s.d.).

A UAMA integra atualmente o campo das Universidades Abertas à Terceira Idade

(UnATIs) e igualmente possui o potencial de promover espaços de escuta às narrativas dos idosos, de modo a admitir, no processo de ensino e aprendizagem, o protagonismo das pessoas mais velhas que galgam com possibilidades de ressignificação das suas experiências de vida, como possibilidades de elaboração de um lugar para a velhice, ilustradas a partir das suas memórias (LOLLI M; LOLLI L; MAIO, 2014) e das suas ações presentes e futuras. De acordo com Cachioni (2003), as UnATIs passaram a constituir um importante espaço de educação para os idosos, com vistas a “incrementar os saberes práticos, o saber fazer, o aprender e seguir aprendendo” (p. 46).

As aulas foram estruturadas e desenvolvidas segundo a proposta de seminários integralizadores, uma metodologia pautada no ensino socializado, no oferecimento de espaços de escuta e de diálogos entre os pares, na interação e influência recíproca entre os participantes do processo de ensino (VEIGA, 2011). Nesse sentido, a prática de seminários integralizadores baseia-se nos princípios do ensino defendidos por Paulo Freire (1996), quando este elucida que “a prática docente, implica o pensar, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer” (p. 22). Nesse sentido, considera-se o respeito aos saberes socialmente construídos, a autonomia e a identidade dos educandos e dos educadores.

Em se tratando ainda da prática educativa com idosos, buscou-se desenvolver uma metodologia de ensino adaptada às demandas e necessidades educacionais em consideração às nuances que se apresentam no contexto da velhice. Hayflick (1996) apresenta algumas especificidades presentes no processo educativo em idosos, são elas: lentidão nas respostas aos estímulos; acentuação de dificuldades para manter a atenção, guardar e processar informações, interpretar e codificar determinados discursos. Cabe salientar, segundo o mesmo autor, que os idosos mantêm o seu potencial enquanto capacidade de aprendizagem, que pode ser facilitado pela associação com conhecimentos prévios, adquiridos ao longo da vida.

A prática aqui descrita privilegiou a discussão sobre a subjetividade humana, tratada, principalmente, como objeto caro à ciência psicológica, em que as várias Psicologias se encontram ao abordarem de diferentes maneiras (teóricas e metodológicas) o tema da Subjetividade (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2001). Dito isso, o presente trabalho objetiva discutir uma experiência da prática docente em Psicologia com idosos participantes do Grupo de Convivência da Universidade Aberta à Maturidade (UAMA).

2 | FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A educação no contexto do envelhecimento

A velhice é um fenômeno biopsicossocial, pessoal e cultural, que não acontece de forma homogênea na sociedade, nem repercute de forma linear nos sujeitos que

envelhecem. Trata-se de uma fase da vida muitas vezes renegada, em vista dos desafios que são postos para o sujeito que se depara com o imperativo dos declínios e incapacidades (MOTTA, 2006).

Hees L e Hees C (2012) discutem que o processo de ensino e aprendizagem em idosos deve ser avaliado conforme as especificidades deste grupo etário, de modo a contribuir para a promoção de segurança e confiança que auxiliem na interação e no desenvolvimento de novos conhecimentos e competências. Independente da natureza dos conteúdos tratados, os autores explicam a relevância de identificar alterações físicas e psicológicas como ponto de partida para a construção de metodologias de ensino. Em decorrência dos declínios que acometem em maior ou menor medida a vida dos idosos, faz-se fundamental favorecer a interação emocional nos processos de aprendizagem, auxiliando-os no desenvolvimento de seus aspectos afetivos e cognitivos.

O processo de educação para idosos deve privilegiar também um espaço de discussão e de reflexão sobre os modos de ser idoso, apontando para a reafirmação da identidade do idoso nos seus modos de vida, dialogando sobre os processos de subjetividade, bem como sobre as formas de subjetivação que se dão na contemporaneidade. Trata-se de seguir num movimento contrário aos imperativos do “novo” e da hipervalorização da fugacidade das coisas e das relações que cada vez mais estreitam as possibilidades do “ser velho” numa sociedade abertamente capitalista.

Outrossim, ressalta-se o fato de que a sociedade contemporânea, nomeada como a sociedade do “bem-estar”, convive com ideais de qualidade de vida que necessitam ser avaliados não somente através de indicadores socioeconômicos, como também através da elaboração dos processos vivenciais, presentes na história de vida de cada sujeito, produzidos no decorrer de suas relações com o mundo.

2.2. As Universidades da Terceira Idade

As Universidades da Terceira Idade constituem espaços que privilegiam a participação de idosos na formação permanente, baseada principalmente na promoção e manutenção da qualidade de vida para o grupo etário mais longo, através de metodologias adaptadas às demandas do público idoso.

Cachioni (2003) explica que as Universidades da Terceira Idade passaram a constituir um importante espaço de educação para os idosos. O projeto de educação nessas instituições começou a ser desenvolvido na Europa e posteriormente na América, sustentando o ideal de promover educação para adultos maduros e idosos, com vistas a “incrementar os saberes práticos, o saber fazer, o aprender e seguir aprendendo” (p. 46), num processo de contínua aprendizagem, de incentivo à expansão das relações sociais e de estímulo à participação social.

As Universidades da Terceira Idade surgiram no ambiente pós-guerra, em 1968,

cuja criação das chamadas “Universidades do Tempo Livre” foram um prenúncio para que pouco depois fossem estruturados programas que se interessassem em trabalhar com a demanda crescente dos adultos maduros e idosos. Objetivou-se, nas primeiras instituições de educação para a terceira idade promover a alfabetização de idosos, a transmissão de informações sobre saúde, religião, política e trabalho, além de buscar ocupar o tempo livre de aposentados e estimular a participação social e a manutenção das relações sociais no cotidiano de vida dos sujeitos mais velhos (CACHIONI, 2012).

No contexto de formação das Universidades da Terceira Idade tem-se o pioneirismo do trabalho desenvolvido pelo professor de Direito Internacional da Universidade de Ciências Sociais de Toulouse, Pierre Vellas que em 1973 viria a instituir os primeiros programas na França. Baseado no princípio de integração e de universalização do direito à educação aos idosos, Pierre Vellas desenvolveu um programa que buscava ocupar produtivamente o tempo livre dos idosos e possibilitar benefícios à saúde e bem-estar através da educação (CACHIONI, 2003).

Posteriormente ao trabalho de Vellas, as Universidades da Terceira Idade, alcançaram espaços mais pretenciosos ao conseguirem estruturar programas educacionais mais amplos, exigindo cursos universitários formais com direito a créditos e diploma. Os programas passaram a ser inseridos em programas de pesquisa, promovendo a articulação de saberes produzidos no âmbito dos centros de formação, em que se tinha em pauta temáticas diversas sobre a velhice e envelhecimento, cujos atores (pesquisadores e pesquisados) eram especialmente o grupo de idosos (CACHIONI, 2003).

No Brasil, as Universidades da Terceira Idade foram desbravadas pelo Serviço Social do Comércio (SESC), através dos chamados “Grupos de Convivência”, seguidos da abertura das primeiras Escolas Abertas para a Terceira Idade, nas décadas de 1960 e 1970. A partir da década de 1980 as universidades de diferentes localidades do Brasil passaram a criar grupos de estudos, pesquisa e extensão que culminaram na criação das conhecidas Universidades da Terceira Idade. Nas universidades foram seguidos os pressupostos desenvolvidos inicialmente com o modelo de educação para idosos promovido por Pierre Vellas, seguindo o curso de evolução dos programas que sustentavam o tripé ensino-pesquisa-extensão como motor das práticas de promoção de saúde e da qualidade de vida para a população idosa (LOLLI M; LOLLI L; MAIO, 2014).

2.3. A prática pedagógica em seminários integralizadores

O Seminário pode ser compreendido como uma técnica de ensino socializado. Enquanto técnica de socialização do ensino, o seminário pode se utilizar da exposição oral, da discussão e do debate em seu desenvolvimento. Seminário, em sentido amplo, é a reunião de um grupo com o propósito de estudar um tema sob a coordenação de educadores (VEIGA, 2011).

Recorrendo ao sentido etimológico da palavra *seminariu*, Veiga (2011) explica que o seminário deve constituir uma oportunidade para semear ideias ou mesmo favorecer sua germinação. No tocante a tal ideia, o autor propõe a realização de seminários a partir das premissas básicas do ensino socializado, prática pautada essencialmente no exercício intelectual e crítico, na cooperação, na criatividade. Nesse sentido, professor e aluno são tomados como agentes ativos, capazes de propor atividades coerentes, convergentes quanto ao objetivo de tomar a realidade social e de promover a superação de dificuldades detectadas (VEIGA, 2011).

Veiga (2000) expõe que a maior contribuição do seminário talvez tenha sido a de “possibilitar que a prática repetitiva e acrítica dê lugar a uma prática pedagógica reflexiva e crítica, deixando de lado o fazer pelo fazer ou o fazer fundamentado no modismo” (p.110). Tal metodologia é defendida ainda, tendo em vista que é através de movimentos educacionais em torno de discussões sobre as concepções pedagógicas e o desejo por mudanças nas práticas educacionais que surge a preocupação em adotar medidas que contribuam com a educação e possibilite aos indivíduos tornarem-se sujeitos participativos no reajustamento da vida social (SILVA; TAVARES, 2010).

3 | ASPECTOS METODOLÓGICOS: AÇÕES PROGRAMÁTICAS DE ENSINO

3.1. Caracterização do campo de atuação

A prática docente foi realizada junto ao programa da Universidade Aberta à Maturidade (UAMA), da Universidade Estadual da Paraíba em Campina Grande-PB. A instituição conta com um amplo espaço para o desenvolvimento de atividades com o grupo de idosos e com recursos de mídia que auxiliaram na realização das atividades propostas. Além de contar com turmas que participam de uma formação estruturada em quatro semestres, a UAMA criou o Grupo de Convivência, destinado aos alunos egressos dessas turmas. Esses grupos se configuram como uma alternativa para dar continuidade aos benefícios obtidos ao longo da formação inicial de dois anos.

3.2. Participantes

Participaram 46 alunos, com idades a partir de 60 anos, que integram o Grupo de Convivência da UAMA. Atualmente o Grupo de Convivência conta com mais de 200 alunos que participam dos cursos e das atividades propostas pela UAMA, segundo seus interesses e disponibilidade.

3.3. Estratégias de ensino

As atividades de prática docente foram estruturadas a partir do desenvolvimento de seminários integralizadores, pautados essencialmente nos pressupostos do ensino socializado. Entre os objetivos do seminário é possível citar, de acordo com Veiga

(2011, p. 115):

- (1) Investigar um problema, um ou mais temas sob diferentes perspectivas, tendo em vista alcançar profundidade de compreensão;
- (2) Analisar criticamente fenômenos observados;
- (3) Propor alternativas para resolver as questões levantadas;
- (4) Trabalhar em sala de aula de maneira cooperativa;
- (5) Instaurar o diálogo crítico sobre um ou mais temas, tentando desvendá-los, ver as razões pelas quais eles são como são, o contexto político e histórico em que se inserem.

Foram utilizados textos e recursos de mídia como músicas e exposição de slides. Os seminários foram estruturados com o auxílio de técnicas de dinâmica de grupo, com vistas a estimular processos de autoconhecimento e de maior interação entre os participantes. Assim, a partir da promoção de ações e de reflexões no contexto grupal, buscou-se também contribuir com a confluência entre a teoria e prática.

Usar informação e reflexão, trabalhar os significados e as vivências relacionadas aos temas propostos, de modo que não apenas o projeto pedagógico fosse executado, mas que envolvesse um contexto de construção de conhecimentos para a formação da licenciatura em psicologia, tornaram-se os condutores das ações propostas.

3.4. Procedimentos

Os seminários foram realizados através de quatro encontros, com duração aproximada de duas horas. No meio dos encontros era feito um breve intervalo de 20 minutos em que era realizado um lanche coletivo com os participantes. As temáticas abordadas seguiram a dinâmica do grupo e foram sendo escolhidas e discutidas conforme necessidades percebidas e trazidas pelos participantes.

As atividades foram supervisionadas pela professora responsável pelo componente curricular de estágio docente em Psicologia, por uma professora do departamento de educação que anteriormente havia ministrado aulas com a turma escolhida para o campo de estágio e por mais uma professora lotada no departamento de psicologia que igualmente havia ministrado aulas com essa mesma turma e que possui vasta experiência no ensino, pesquisa e extensão no campo do envelhecimento.

4 | REFLEXÕES SOBRE AS AÇÕES DESENVOLVIDAS EM CAMPO

A seguir são tecidas discussões sobre os resultados obtidos com a realização dos seminários. Os resultados são produtos das impressões colhidas durante as atividades propostas e das supervisões das atividades concretizadas. Derivaram também de comentários feitos por participantes em resposta aos debates propostos em sala e que eram transmitidos nos espaços informais, nos pequenos grupos de

reflexão e nas conversas livres.

4.1. Vida e subjetividade

Este seminário resultou inicialmente num ponto de reencontro, em que os idosos estavam retomando suas atividades na UAMA. Dessa forma, durante os primeiros minutos os participantes trocaram muitos abraços, num clima de muita afetividade. Este pareceu um momento propício para explicar ao grupo os objetivos da prática pedagógica que seria desenvolvida a partir daquele momento.

Foi discutido inicialmente com o grupo que o ponto de partida das discussões seria a temática da subjetividade, e, a partir disso, seriam tratadas outras questões conforme a necessidade dos participantes. Nesse momento, enfatizou-se que este se tratava de um assunto caro à Psicologia, tendo em vista que, em meio à diversidade de repartições das chamadas “Psicologias”, a subjetividade consegue fazer unidade, ou seja, compreende um assunto comum que atravessa as diferentes perspectivas teóricas e metodológicas da Psicologia (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2001). A partir desta introdução, os participantes questionaram sobre a diversidade que compreende o campo da Psicologia e falaram um pouco do que superficialmente compreendiam acerca dessa diversidade.

Questionados sobre o que compreendiam acerca da temática da subjetividade, os idosos relataram que essa não era uma palavra distante da sua realidade, porém, o seu conceito não era algo claro e resultava num uso inconsistente do termo. As discussões e reflexões foram orientadas de modo a tratar a subjetividade como algo que não é tão abstrato em suas vidas, que ela se expressa de forma prática no seu contexto de vida e que se revela nas suas escolhas, atitudes e valores (compartilhados socialmente e construídos também de forma singular).

Em seguida, os participantes foram divididos em trios e receberam trechos do poema “Quem sou eu?”, de Pedro Bandeira, que foi dividido entre as cinco estrofes que o compõe. Após discussão em trios, a turma formou cinco subgrupos onde puderam discutir um pouco mais sobre o conteúdo da estrofe. A separação em grupos permitiu que grande parte dos participantes pudesse falar um pouco da sua impressão sobre os versos lidos e compartilhar, entre os pares, o que puderam apreender sobre a sua leitura. Logo após as discussões dentro dos trios e dos subgrupos, todos foram convidados a dividirem um pouco das suas percepções sobre o conteúdo das estrofes e junto a isso foi sendo feita a conexão com a temática da subjetividade.

Os idosos mostraram-se empolgados com o que encontraram nas estrofes e conseguiram falar abertamente sobre suas compreensões acerca do que era tratado nos versos. Vieram à tona breves relatos sobre alguns eventos que faziam os idosos lembrar e conectar os assuntos relacionados aos seus contextos de vida.

É através da linguagem que o sujeito constrói intencionalmente a sua experiência, com a possibilidade de culminar na criação de narrativas que expressam histórias de

vida. Partem daí sentimentos, concepções e significados sobre a própria existência (BRANDÃO et al., 2005).

Esse, portanto, foi um encontro propício para o levantamento de reflexões acerca da dinamicidade que atravessa a subjetividade humana, assim como foi importante para se pensar sobre os processos de elaboração da subjetividade que resultam em modos de constituição dos sujeitos, mediante a interação com aspectos históricos, sociais e culturais.

4.2. Velhice e subjetividade

O segundo encontro teve continuidade com o tema da subjetividade em reconhecimento à amplitude de discussões que poderiam advir de tal assunto. Arelada a essa temática, tratou-se de inserir a problemática da velhice como forma de traçar reflexões sobre aspectos da vida presente dos participantes e sobre suas concepções acerca dos processos de construção da subjetividade que se dão nessa etapa da vida.

Para introduzir a temática, foram distribuídos ao grupo três recortes de pensamentos de autores consagrados na literatura (Mário Quintana – *Brinquedos de crianças*, Rubem Alves – *As cores do crepúsculo: a estética do envelhecer*, Victor Hugo – *Desejo*) que versam sobre a velhice de modo bastante particular. Os versos foram escolhidos por se tratarem de uma visão íntima sobre a experiência da velhice, se apresentaram como um estímulo para a produção da discussão em grupo e serviram como ponto de partida para que a temática da velhice pudesse ser amparada pelas discussões sobre a subjetividade.

Observou-se no grupo a reação aos versos que foram compartilhados. Enquanto se dividiam em pequenos subgrupos, cada um pode dar um sentido ao poucos versos escolhidos para o debate. Ao passo que compartilharam um pouco as suas compreensões sobre o que leram, os idosos chegaram a falar e a expressar os seus sentimentos. Eles puderam falar do “ser velho/idoso”, dos seus medos e das virtudes em poder se identificar como velho.

No trato das questões relativas ao ser velho e da subjetividade, discutiu-se muito em grupo sobre os imperativos que a contemporaneidade impõe aos idosos. Vivenciada na realidade prática do seu cotidiano, os participantes falaram da preocupação de muitas vezes sentirem-se perdidos diante das cobranças que eles impõem a si mesmos, na tentativa de se adequarem à lógica da pós-modernidade (ideais capitalistas, principalmente). A ideia do consumo, da brevidade das coisas, da fugacidade do tempo, foram questões bastante discutidas nos subgrupos. Enquanto dividiam tais sentimentos, os idosos alertavam para a necessidade de poder “tocar a vida” de forma mais livre, aproveitando os “sabores” (termo utilizado por duas das participantes em sala) que a velhice apresenta. Assim, foi discutida a necessidade que muitos sentem de poderem dar um lugar a sua velhice, a sua experiência com o “real” da velhice que não pode simplesmente ser velada e descartada diante dos discursos

que supervalorizam um “bem-estar” para todos.

No tocante às inquietações compartilhadas pelos participantes, Motta (2006) esclarece que a experiência do sujeito com o envelhecimento é atravessada pelo discurso social que privilegia o corpo jovem, e remete o corpo velho à visão de senilidade, perdas e proximidade da morte. Também reflete numa experiência singular do sujeito com a ideia da passagem do tempo, um evento que provoca efeitos na subjetividade, nas suas formas de ser no mundo (GOLDFARB, 2009). Trata-se de uma experiência simbólica, e, conseqüentemente, cultural, investida de uma representação corporal e ideacional que se expressa muitas vezes como unidade classificatória, que regulamenta a participação social (MOTTA, 2006). Portanto, faz-se necessário o espaço de elaboração das subjetividades que contém em si os traços da história e do contexto de vida do sujeito, como possibilidade de construção de uma nova subjetividade, a de “ser velho”.

Uma participante mostrou-se bastante preocupada quando questionou se eles, enquanto idosos, precisariam ser como “camaleões”, no sentido que ela atribui a ter que se adaptar constantemente em vista das mudanças que chegam cada vez mais velozes e imperiosas no tempo presente. Esse foi um questionamento pertinente aos temas tratados nos seminários em que foi oferecida a oportunidade para o grupo se questionar a respeito de tal problematização e a partir disso que pudessem pensar na validade e na importância de ter trocado ou mesmo perdido, em certa medida, características que são caras na construção da sua subjetividade. Muitos falaram que sentem a necessidade de se adequar a certas situações, porém, em muitos momentos relataram a vontade de permanecerem com suas atitudes e valores.

A partir de tais posicionamentos, os participantes revelaram o seu lugar enquanto atores sociais e, por conseguinte, podem assumir as suas escolhas e fazê-las de forma consciente, levando-se em consideração aspectos da sua história assim como de todo um contexto social, cultural, político e econômico em que vivem. Assim, conforme arrazoado por Correa e Justo (2010), a elaboração de um lugar para a velhice deve se dar de forma a privilegiar a criação de espaços em que os idosos sejam atores participativos da construção da história e dos aspectos do seu cotidiano. A educação pode ser considerada um espaço em potencial para o desenvolvimento de tais competências. Trata-se de um ato político, de questionamento do papel e do lugar da velhice na sociedade contemporânea. Logo, deve-se pensar em formas de expressão que privilegiem o protagonismo dos idosos na sociedade.

4.3. A importância da vida afetiva

A escolha da temática sobre a afetividade se deu a pedido dos participantes, que discutiram sobre o seu desejo em poder estudar um pouco sobre a vida afetiva, partindo de questões sobre a sua vida pessoal, em que julgavam ser necessário encontrar espaços propícios para refletirem acerca de tais assuntos. Nessa oportunidade,

buscou-se novamente compartilhar alguns conceitos básicos que estão atrelados ao estudo da vida afetiva nos domínios da Psicologia.

Tal escolha sinaliza que educar não é uma tarefa fácil, nunca foi fácil. Ela requer a junção de um conjunto de competências e habilidades que vão desde a sensibilidade por tocar em aspectos íntimos da vida de educandos e educadores (em que estão envolvidas as esferas subjetivas e afetivas), até chegar aos processos mais objetivos que requerem disponibilidade de recursos práticos de vida, bem como motivação, desempenho cognitivo e sensório-motor, por exemplo (IMBERNÓN, 2009).

A temática da afetividade foi introduzida a partir de um exercício de sensibilização do grupo. Para tanto, após as boas vindas ao grupo e revisão do tema tratado nos encontros anteriores, seguiu-se com a apresentação da música “Caçador de mim”, de autoria de Sérgio Magrão, eternizada na voz de Milton Nascimento. Inicialmente todos escutaram a música, buscando sentir e apreender um pouco a mensagem que ela porta. Posteriormente cada participante recebeu a letra da música e todos juntos acompanharam a sua melodia. O momento mostrou-se oportuno para que os idosos falassem um pouco do que eles esperavam a respeito de uma aula sobre a vida afetiva. Alguns relataram que no seu dia-a-dia não conseguem parar para escutar músicas, nem conseguem vivenciar um momento de maior tranquilidade em que pudessem relaxar, aproveitando as atividades que gostam. Alguns fizeram conexões interessantes sobre o conteúdo da música com os temas da subjetividade e da afetividade.

Após essa introdução, o grupo mostrou-se mais dinâmico e estimulado a discutir o tema da afetividade. Foi lançada a questão no grupo sobre como cada um lida com a sua vida afetiva, alguns comentaram a dificuldade que possuem para expressarem seus sentimentos (bons e ruins, segundo seu julgamento), outros explicaram como a UAMA foi importante para facilitar novas formas de expressão e para despertar o desejo em manter um grupo de amigos mais extenso, que desse a oportunidade de dividir suas questões pessoais em busca de um suporte às suas necessidades.

Em continuidade a isso, a temática da afetividade foi trabalhada principalmente sob as formas de expressão dos sentimentos. Discutiu-se como a afetividade pode contribuir para estender as relações sociais como também, ao mesmo tempo, pode influenciar no estreitamento das relações com os outros. Em se tratando da vida afetiva, muitos falaram dos problemas que advém das privações das expressões de afeto. Falaram sobre as imposições da sociedade que dificultam algumas formas de expressão da afetividade para os diferentes grupos sociais dos quais foi destaque as imposições aos idosos.

Em se tratando do que os idosos podem relatar a respeito de sua história de vida e das inquietações que daí emergem, Bosi (1994) defende que:

A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda: repassada a nostalgia, revolta, designação pelo desfiguramento de paisagens caras, pela desaparecimento de entes amados, é semelhante a uma obra de arte. Para quem sabe

ouvi-la é desalienadora, pois contrasta a riqueza e a potencialidade do homem criador de cultura com a mísera figura do consumidor atual (p. 41).

Esse foi um espaço de muita interação, de troca de saberes, em que foi possível ao grupo compartilhar experiências de vida, como forma de exemplificar os conteúdos tratados em sala.

Num terceiro momento, os idosos foram convidados a participar de uma dinâmica de grupo cujo objetivo era promover o contato e a expressão afetiva. No ensejo das atividades propostas com a dinâmica foram destacados aspectos variados da vida afetiva sob a prerrogativa de falar sobre o desejo, através do seguinte questionamento lançado ao grupo: “O desejo tem idade?”. Amparados nesse questionamento muitos relataram de forma descontraída sobre o desejo como vontade de ser feliz, de amar (amor erótico), de continuar conquistando coisas em suas vidas, de desfrutar do amor dos seus amigos e familiares. Em meio à troca de sentimentos despertados nas atividades em sala, uma participante relatou “Eu me senti acolhida com muito amor”, outra afirmou “Eu flutuei, não andei. Precisava voar hoje, e voei”. Alguns relataram como foi bom sentir o toque do outro.

4.4. Família e afetividade na contemporaneidade

O encontro se constituiu como uma oportunidade para os idosos falarem sobre os modos em que se dão as relações na sua família. Os conteúdos foram estruturados para exemplificar a forma com que a afetividade atualmente organiza as famílias, através da definição de papéis e da configuração dos modos de relação no seio familiar.

Sabe-se que, em nossa cultura, a função da transmissão psíquica é preferencialmente exercida pela família. Desse modo, a transmissão intersubjetiva que esse grupo desenvolve é, sobremaneira, responsável por fomentar vínculos e, ao mesmo tempo, promover a separação e individuação para que cada história de vida seja singularizada e, concomitantemente, inserida na cultura, na comunidade e na sociedade (GOLDFARB; LOPES, 2009).

O grupo, então, relatou com muita propriedade as experiências advindas de suas relações familiares, comparando as formas de relação que se davam nas suas famílias de origem com as famílias que, posteriormente, seus filhos e netos vieram a estruturar. Por meio da pontuação dessas diferenças e especificidades, cada um falou do que atualmente percebe se tratar de uma relação mais saudável (como maior demonstração de afetos), enquanto também falavam de aspectos que julgam como negativos na atualidade, a exemplo da perda da autoridade dos pais sobre os filhos.

Muitos discutiram que a afetividade é uma das bases fundamentais para a formação das famílias e que sua expressão permite que os laços sejam solidificados quando há solidariedade, respeito, amor e compreensão. As dificuldades foram citadas como inerentes a qualquer grupo familiar e que são justamente os bons sentimentos que ajudam a superar os conflitos vivenciados.

Os diálogos e apontamentos dos idosos revelaram que atualmente a união de pessoas numa família, marcada cada vez mais por interesses diversos e contraditórios, se dá exclusivamente através de laços afetivos que são regidos por princípios de liberdade e responsabilidade. Assim, o sistema de autoridade e de obrigação caiu para um segundo plano e não mais vigora quando se pensa na estruturação das famílias na contemporaneidade. Nesse contexto de novas e diversificadas configurações, os sujeitos são cada vez mais convocados a pensar no valor do legado geracional, de modo que seus conteúdos devem ser repensados e ressignificados (GOLDFARB; LOPES, 2009).

A apresentação de novas configurações de famílias (família nuclear, monoparental, homoparental, recomposta e pluriparental) foi uma maneira de exemplificar como a dimensão afetiva atualmente tem sido colocada como tema central na formação das famílias, ultrapassando e contrariando as convenções sociais que anteriormente apresentavam uma definição rígida de família, a partir do modelo heteronormativo e patriarcal. A apresentação gerou muitos debates no grupo. Alguns relatavam que não conseguiam compreender o porquê desses novos grupos constituírem família, enquanto muitos dos participantes, a grande maioria, afirmaram que o que importava nesses grupos era, de fato, a existência e a expressão do afeto.

Os idosos relataram que a afetividade é um tema envolvente, difícil e muito complexo, porém, afirmaram que se tratava de algo muito “gostoso” de ser estudado porque é um assunto que guarda íntima relação com o seu contexto de vida, com o que acontece no seu dia-a-dia, com assuntos que eles escutam diariamente sem ter, muitas vezes, a oportunidade de discutir, nem mesmo de parar para refletir sobre os seus pontos de vista.

Ao final do encontro foi colocada uma música a pedido de uma das participantes. A música é uma importante memória que ela e o esposo guardam do seu filho, já falecido. Todos foram convidados a ficar à vontade para sentirem a música e expressá-la da forma como desejassem. Ao som da música “Volare” o grupo se despediu, dançando e aproveitando o momento em que nomearam de “dança dos afetos”.

5 | ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização da prática docente mostrou-se como um importante espaço de compartilhamento de saberes da Psicologia em contato com o grupo de idosos. A partir das interações promovidas em sala foi possível criar uma atmosfera de livre compartilhamento de experiências que foram essenciais para a ilustração e a apreensão dos temas tratados nos seminários.

A aquisição de novos conhecimentos foi algo relatado com estima pelos idosos, em que foi debatida a importância da participação em grupos visando à discussão de assuntos contemporâneos e a lembrança de suas histórias de vida, apontando para

as possibilidades de ressignificação e atribuição de sentidos às suas experiências de vida.

Discute-se, a partir da prática aqui desenvolvida, que a educação se apresenta como um processo viável para a problematização, reflexão e possível elaboração das formas de ser do sujeito idoso, em que se discute e estimula-se a sua inserção nos diferentes espaços na sociedade. Convém esclarecer que o sujeito tem um saber que lhe é próprio e que ao mesmo tempo é fruto das relações que estabelece com seus pares, no mundo em que vive. Todavia, a realidade que o sujeito consegue construir a partir de suas experiências singulares pode ser acolhida e trabalhada com possibilidades de novas invenções, com a criação de novas saídas, apontando para o desejo como motor na busca de novos conhecimentos e de novas oportunidades na vida.

REFERÊNCIAS

ALVES, R. **As cores do crepúsculo**: a estética do envelhecer. Campinas: Papirus, 2001.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias**: uma introdução ao estudo de psicologia. São Paulo: Editora Saraiva, 2001.

BOSI, E. **Memórias e sociedade**: lembrança de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANDÃO, L. et al. Narrativas intergeracionais. **Psicologia, Reflexão e Crítica**. v.19, n.1, p. 98-105, 2005.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação (CNE). **Resolução Nº 5, de 15 de março de 2011**. Ministério da Educação. Diário Oficial da União, Brasília, 2011.

BRASIL. Lei nº. 10.741 – Estatuto do Idoso. Brasília, DF. 2014.

CACHIONI, M. Quem educa os idosos? Um estudo sobre professores de Universidades da Terceira Idade. Campinas: Editora Alínea, 2003.

CACHIONI, M. Universidade da Terceira Idade: história e pesquisa. **Kairós. Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Saúde** v. 15, n. 7, p.99-115, 2012.

COORDENADORIA INSTITUCIONAL ESPECIAL PARA A FORMAÇÃO ABERTA À MATURIDADE. CIEFAM. Sobre a UAMA. Retirado de: <http://coordenadorias.uepb.edu.br/ciefam/>.

CORREA, M. R.; JUSTO, J. S. Oficinas de psicologia: memória e experiência narrativa com idosos. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, v. 1, n. 2, p. 249-256, 2010.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOLDFARB, D. C. Memórias e temporalidades: construindo histórias. In: CÔRTE, B.; GOLDFARB, D. C.; LOPES, R. G. C. (Org.). **Psicogerontologia**: fundamentos e práticas. Curitiba: Juruá, 2009. p. 95-101.

GOLDFARB, D. C.; LOPES, R. G. C. Avosidade: a família e a transmissão psíquica entre gerações. In: CÔRTE, B.; GOLDFARB, D. C.; LOPES, R. G. C. (Org.). **Psicogerontologia: fundamentos e práticas**. Curitiba: Juruá, 2009. p. 139-164.

HAYFLICK, L. **Como e por que envelhecemos**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1996.

HEES, L. W. B.; HEES, C. A. Qualidade de vida na velhice: a aplicabilidade de recursos educacionais e sociais. In: D'ALENCAR, R. S.; ANDRADE, C. M. (Orgs.). **A educação (re)visitada: a velhice na sala de aula**. Bahia: Editus, 2012. p.137-158.

IMBERNÓN, F. **Formação permanente do professorado: novas tendências**. São Paulo: Cortez, 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo demográfico 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. Retirado de: <http://www.ibge.gov.br>

LOLLI, M. C. G. S.; LOLLI, L. F.; MAIO, E. R. Universidade aberta à terceira idade: uma tentativa de emancipação. **Revista LABOR**, v. 1, n. 12, p. 131-151, 2014.

MOTTA, A. B. Visão antropológica do envelhecimento. In: FREITAS, E. V. et al. (Org.). **Tratado de geriatria e gerontologia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 78-82.

SILVA, L. P.; TAVARES, H. M. Pedagogia de projetos: inovação no campo educacional. **Revista da Católica**, Uberlândia, v.2, n.3, p. 236-245, 2010.

VEIGA, I. P. A. O seminário como técnica de ensino socializado. In: VEIGA, I. P. A. (Org). **Técnicas de ensino: Por que não?** Campinas: Papiros, 2000.

VEIGA, I.P.A. (org) **Técnicas de ensino: por que não?** Campinas, SP: Papiros, 2011.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-029-2

